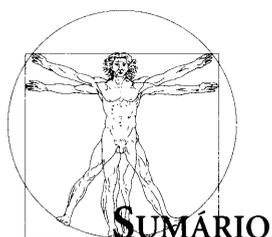


Valdir do Nascimento Flores
Leci Borges Barbisan
Maria José Bocorny Finatto
Marlene Teixeira

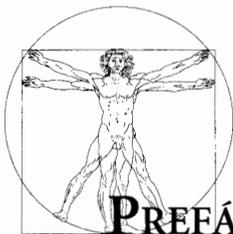
DICIONÁRIO
DE
LINGUÍSTICA
DA
ENUNCIÇÃO

Prefácio de José Luiz Fiorin


editora**contexto**



Prefácio	7
Palavras ao leitor	11
Relato de uma expedição terminológica	27
Guia do usuário	31
Lista de abreviaturas e siglas	35
Equipes (por autores tratados)	37
Lista alfabética de termos	39
Lista alfabética de verbetes	45
Dados biográficos e bibliográficos dos teóricos em foco	237
Códigos das equipes, fontes bibliográficas e bibliografia recomendada	257
Colaboradores e redatores de verbetes	269
Os organizadores	283



PREFÁCIO

acabou vendo, Joan Brossa,
que os verbos do catalão
tinham coisas por detrás
eram só palavras, não.

João Cabral, *Fábula de Joan Brossa*

Diccionario, no eres
tumba, sepulcro, féretro,
túmulo, mausoleo,
sino preservación,
fuego escondido,
plantación de rubies,
perpetuidade viviente
de la esencia,
granero del idioma

Pablo Neruda, *Ode ao dicionario*

Diz Greimas, em *Du sens II*, que “os lexemas se apresentam muitas vezes como condensações que recobrem, por pouco que se as explicitem, estruturas narrativas e discursivas bastante complexas” (p. 225). Isso implica que o dicionário não é um depósito de palavras, no qual elas estão inertes. Ao contrário, ele deixa ver a história dos vocábulos e, por meio deles, a história de um povo, com suas vicissitudes e vitórias, suas preferências, crenças, normas, costumes, interesses, carências, sentimentos, conhecimentos, emoções, paixões, afetos... Os sentidos, como numa escavação arqueológica, desvelam camadas estratificadas da vida humana, com seus anelos e fracassos. O dicionário contém heranças de antepassados perdidos em tempos longínquos, que nos legaram, expressos por palavras, ferramentas e modos de fazer, tristezas, alegrias e modos de ser, metáforas, substantivos, tempos verbais e modos de simbolizar. Pode-se dizer do dicionário o que disse Guimarães Rosa das línguas, em *Ave, palavra*: “são rastros de velhos mistérios”.

Um dicionário contém a sabedoria de um povo armazenada durante a vida da língua, mostra como ele vê o mundo, como concebe a vida, como sofre, como ama, como conhece, como se decepiona, como se revolta, como se resigna, como se desespera, como espera...

Por tudo isso, não basta ler seus verbetes, é preciso saboreá-los, manejá-los, jogar com eles, navegar por entre eles. É necessário perceber as múltiplas relações tecidas pelas palavras, relações evidentes e estranhas, metafóricas e metonímicas, sincrônicas e diacrônicas, mas que sempre fascinam, surpreendem e intrigam. É preciso deixar as palavras falar, ouvir seus ecos e gritos, ver suas obscuridades e cintilações, saborear sua doçura e sua acidez, sentir seus aromas deleitosos e desagradáveis, experimentar suas texturas macias e ásperas. Dizia Fernando Pessoa pela voz de Bernardo Soares no *Livro do desassossego*: “Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas”. A aproximação do dicionário exige rigor, mas principalmente deslumbramento. Ela requer de nós todas as paixões contemplativas, pede-nos paciência e lentidão.

Poder-se-ia dizer que tudo o que se considerou até aqui a respeito do dicionário é justo e adequado, mas não é pertinente a este prefácio em que se apresenta um dicionário científico, mais especificamente, um dicionário sobre linguística da enunciação.

Um dicionário especializado, em vez de nos mostrar a totalidade da cultura que se desenvolveu numa dada formação social, desvenda-nos um segmento dela. Assim, um dicionário científico permite que extraíamos dele as mil histórias que nele estão entranhadas: as da constituição de um campo do saber, as de sua institucionalização, as de sua aceitação, os esquecimentos e as recuperações. Um dicionário de ciência começa por nos indicar os gestos de exclusão, que constituem o gesto científico primeiro, já que as exigências metodológicas e epistemológicas pedem objetos claramente delimitados e questões que têm origem em problemas claramente enunciados. O princípio da pertinência obriga a ciência a renunciar a tratar a realidade, seja ela natural ou simbólica, da maneira como a apreendemos, do modo como a vivemos na experiência imediata. A ciência abdica de abordar a totalidade. Por isso, seu gesto inaugural é a exclusão. Borges mostrou isso em belo texto do livro *História universal da infâmia*:

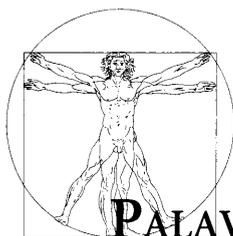
Naquele Império, a Arte da Cartografia conseguiu tal perfeição que o mapa de uma só província ocupava toda uma cidade, e o mapa do Império, toda uma província. Com o tempo esses mapas enormes não satisfizeram, e os Colégios de Cartógrafos levantaram um mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos apaixonadas pelo Estudo da Cartografia, as gerações seguintes entenderam que esse mapa ampliado era inútil e não sem impiedade o entregaram às inclemências do sol e dos invernos. Nos desertos do oeste perduram despedaçadas ruínas do mapa, habitadas por animais e por mendigos; em todo o país não há outra relíquia das disciplinas geográficas.

Ao mesmo tempo em que temos de fazer esse movimento de eliminação, de afastamento, de recusa, aspiramos a compreender a totalidade: no caso da linguagem, anelamos a apreender seu mistério e sua epifania. Por isso, o dicionário desvela gestos de inclusões daquilo que os antecessores deixaram à parte na sua redução metodológica. Portanto, ele revela-nos as polêmicas, os diálogos, as recusas e as aceitações, as filiações e as oposições.

Depois, ele faz-nos conhecer objetos teóricos, abstrações, já que a ciência trata sempre do geral. Não existe uma ciência das estradas de ferro brasileiras ou da construção do Ipod. É por isso que a física não trata dos corpos na sua singularidade, mas de abstrações, como a massa, que os atravessam e os tornam comparáveis. Da mesma forma, não existe ciência das vogais, dos textos de telenovela. Por isso, um dicionário de enunciação é, antes de tudo, uma cartografia dos objetos teóricos da linguística. É a história da construção desse objeto poliformo que é o discurso.

Foi para reconstruir essa narrativa de idas e vindas, de sucessos e fracassos, de rasgos de genialidade e de trabalho laborioso no domínio da linguística da enunciação que Valdir do Nascimento Flores, Leci Borges Barbisan, Maria José Bocorny Finatto e Marlene Teixeira, num gesto de abertura científica, convidaram diferentes especialistas, que buscaram resgatar a história delineada anteriormente na obra de autores tão diversos como Benveniste e Culioli, Bréal e Bakhtin, Authier-Revuz e Ducrot, Greimas e Récanati, Jakobson e Fuchs, etc. Os organizadores tiveram um trabalho enorme para tornar homogêneos os verbetes, para fazê-los legíveis para os não especialistas, para transformá-los em textos dotados de “autonomia”. E tudo isso sem que perdessem a qualidade e o rigor, de modo que o dicionário fosse útil também para o especialista do campo. Posso afirmar, com segurança, que o trabalho incansável e pertinaz dessa equipe teve êxito. Ela entrega esta obra aos leitores, convidando-os para a aventura de entender o dicionário, de sentir o dicionário, de navegar por seus verbetes, perdendo-se, encontrando-se, desconstruindo e reconstruindo a cartografia do campo. Este dicionário é um mapa, é uma sùmula, é uma história da linguística da enunciação. Mas ele não está pura e simplesmente voltado para o passado, ele está aberto para o futuro. Ele não fecha, ele torna patentes perspectivas e possibilidades. Ele desafia a imaginação, provoca os pesquisadores, incita ao trabalho acadêmico. Unindo o que foi feito e o que pode ser feito, este dicionário é um instrumento indispensável a todos os que têm paixão pela linguagem, a todos aqueles que se deslumbram com ela e a analisam com rigor.

José Luiz Fiorin



PALAVRAS AO LEITOR

Desde a edição do *Dicionário de linguística e gramática*,¹ de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, a linguística brasileira não tem produzido muitos dicionários de linguística. É com entusiasmo, portanto, que apresentamos ao público brasileiro o nosso *Dicionário de linguística da enunciação*, que reúne termos e definições que circulam no campo da enunciação. Uma equipe de mais de quarenta colaboradores trabalhou nos últimos anos com o intuito de fornecer ao leitor uma obra de referência representativa dos principais construtos teóricos da área.

No momento em que vem à luz o *Dicionário*, é de suma importância que sejam feitos alguns esclarecimentos a respeito do contexto de sua emergência e também dos motivos que justificam sua elaboração.

SOBRE A NECESSIDADE DE UM DICIONÁRIO DE LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

Em linhas gerais, no Brasil, os estudos referentes ao campo da enunciação – apesar de constantemente presentes como fonte bibliográfica na literatura especializada – ainda não tiveram tratamento sistematizado. Isso se deve às condições específicas de instauração da linguística brasileira, em especial, com relação ao advento da diversidade dos estudos do âmbito do discurso. Mas sobre isso seria demasiado discorrer aqui. Cabe, no entanto, fazer alguma digressão no que tange, em especial, à área da enunciação.

¹ Conforme Matos (2004, p. 159), o dicionário de Mattoso Câmara “tem uma história singularíssima: foi lançado em 1956, pelo Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa (RJ), com o título de *Dicionários de fatos gramaticais* (DFG); em 1965, J. Ozon-Editor (RJ) publicou a segunda edição, intitulada *Dicionário de filologia e gramática* e, em 1977, postumamente, a Editora Vozes (Petrópolis, RJ) publicou a sétima edição, sob o título atualizado de *Dicionário de linguística e gramática* (DLG)”. Ver: MATOS, Francisco Gomes de. *O Dicionário de linguística e gramática: notas de um leitor-posfador*. DELTA, 2004, v. 20, n.spe, p.159-164.

As teorias da enunciação receberam uma leitura muito particular no cenário linguístico brasileiro. Algumas foram identificadas às pragmáticas, outras ao tratamento do texto e houve também as que foram ligadas às perspectivas discursivas.

Nesse sentido, houve, no caso de algumas teorias – como a de Jacqueline Authier-Revuz e a de Oswald Ducrot, por exemplo –, uma espécie de “apropriação” do aparato metodológico sem a incorporação da teoria subjacente aos modelos. Ou, ao contrário disso, houve uma apropriação de termos e definições fora do construto epistemológico do qual fazem parte. Esse é o caso, muitas vezes, das leituras feitas de termos importantes de reflexões como a de Mikhail Bakhtin e a de Émile Benveniste.

Essa constatação não encerra uma crítica. Somos cientes de que os saberes se instauram de maneira singularizada e em sintonia com as condições sócio-históricas, epistemológicas e disciplinares de cada organização social e cultural. Apenas registramos, com isso, que o surgimento do campo da enunciação no Brasil se dá, de certa forma, mediado por outras disciplinas dos estudos da linguagem.

Certamente que essa mediação determinou o entendimento dos termos do campo. Basta uma vista de olhos na produção bibliográfica da área para se perceber a variação no tratamento conceitual de termos como *discurso*, *texto*, *enunciado*, *enunciação*, para citar os mais comuns.

Assim, a necessidade de produzir o *Dicionário de linguística da enunciação* deve-se, em especial, à demanda de definição conceitual de um campo teórico que apenas recentemente tem recebido maior atenção da comunidade científica brasileira. Como bem lembram Krieger; Finatto (2004) “[...] o uso de termos técnicos é um importante recurso para a precisão conceitual nas comunicações profissionais” (p. 18) ao que as autoras acrescentam: “[...] as linguagens das técnicas e das ciências mostram-se muito além de meras listas de palavras ou conjunto de rótulos denominativos” (p. 124). Sendo assim, consideramos que o *Dicionário* deve contribuir para a construção de um conhecimento compartilhado do campo, assegurando-lhe um mínimo de unidade.

Em outras palavras, um dicionário especializado – obra de referência que serve, entre outras coisas, de instrumento de apoio à leitura das teorias de um determinado campo –, ao oferecer subsídios para maior precisão terminológica, deve colaborar para a sistematização do conhecimento de base da área, minimizando o estabelecimento de falsas homônias e de precárias equivalências teóricas.

Temos consciência de que uma obra com essas características já nasce demandando revisão e ampliação. Muito há ainda que se acrescentar com relação tanto aos termos e definições quanto às teorias contempladas. Claro está que, nos tempos atuais, a diversidade de teorias exige de um dicionário de linguística constante renovação e revitalização. Assim, cabe dizer que as teorias receberam

tratamento diferenciado entre si quanto à exaustividade da indicação das suas terminologias. Privilegiamos, nesse momento, os autores cujas teorias têm maior circulação no Brasil atualmente. Por ora, julgamos que o *Dicionário* deve atender às exigências mais prementes dos consulentes.

Também gostaríamos de registrar que, com este *Dicionário*, esperamos cooperar para a autonomia do campo da enunciação nos estudos da linguagem no Brasil, além de encorajar o leitor a se aprofundar na leitura dos textos a partir dos quais os verbetes foram construídos. Desse modo, após cada verbete, são indicadas leituras para um maior aprofundamento.

SOBRE OS FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS QUE NORTEARAM A ELABORAÇÃO DO *DICIONÁRIO*

O *Dicionário*, a exemplo do que sugerem Flores & Teixeira (2005), fala em teorias da enunciação, no plural, e em linguística da enunciação, no singular. Utiliza também a palavra “campo”, em construções como “campo enunciativo”, “campo da enunciação”, “campo da linguística da enunciação”, entre outros. Ora, mesmo que não seja possível, neste momento, fazer uma discussão epistemológica aprofundada² sobre as diferenças sugeridas pelo uso de “campo”, “teorias” e “linguística”, alguns esclarecimentos ao menos devem ser feitos. Antes, porém, duas observações.

A primeira, e talvez a mais importante, é que essas distinções têm validade somente para os fins estabelecidos neste *Dicionário*. Ou seja, não estamos propondo algo que seja extensível à linguística geral. Como se sabe, a elaboração de um dicionário especializado exige de quem o faz uma visada epistemológica sobre a área em estudo. Aqueles que já se ocuparam da tarefa de elaborar um sabem das dificuldades encontradas para mapear epistemologicamente uma determinada área, logo, saberão avaliar os percalços por nós enfrentados.

A segunda observação é que palavras como “campo”, “teoria” e mesmo “linguística” são, hoje em dia, carregadas de múltiplos sentidos. Boa parte das vezes, elas se fazem acompanhar de longas explicações. Certamente, não é da natureza de um dicionário dar a conhecer todas as discussões que possibilitaram a sua feitura. Um dicionário deve, em princípio, atender às necessidades de consulta de

² Para isso, consultar: CREMONESE, Lia Emília. *Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de Linguística da Enunciação*. Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientação: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores. Coorientação: Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto. Porto Alegre, 2007.